

Diálogos Possíveis entre a Obra de Augustin Berque e a Geografia Brasileira


Possible Dialogues between Augustin Berque's Work and Brazilian Geography

Diálogos Posibles entre la Obra de Augustin Berque y la Geografía Brasileña

Hugo Leonardo Marandola¹

 <https://orcid.org/0009-0007-1222-3665>

Sylvio Fausto Gil Filho²

 <https://orcid.org/0000-0003-1606-9988>

RESUMO: A obra de Augustin Berque versa sobre variados temas a partir da Geografia, Arquitetura, Filosofia e pensamento oriental. Apesar da proximidade com discussões realizadas no âmbito da geografia brasileira, há uma lacuna em pesquisas que dialoguem profundamente com sua obra. Algumas pesquisas brasileiras se aventuraram por alguns aspectos de seu pensamento e abriram o caminho para possíveis aproximações. Neste texto serão apresentados alguns dos diálogos já estabelecidos no contexto da geografia brasileira. Em seguida, é realizado um esforço de compreensão de algumas das bases da obra de Berque, que se coloca numa busca de alternativas à prática científica dominante, que se funda em um dualismo entre sujeito e objeto. Com um movimento desde o pensamento oriental, principalmente chinês e japonês, parte de uma outra ontologia e outra lógica para a compreensão da relação entre a humanidade e a Terra, em suas palavras uma proposta onto-lógica. Ao buscar diluir a cisão entre sujeito e objeto tem como base, dentre outros, a fenomenologia hermenêutica do filósofo japonês Watsuji Tetsurô e as investigações biológicas de Jakob von Uexküll. Também são discutidas as noções de trajeção e cadeia trajetiva como formas de compreender a relação estabelecida entre a humanidade e a Terra.

PALAVRAS-CHAVES: Ontologia; Trajeção; Pensamento oriental.

ABSTRACT: *Augustin Berque's work deals with various themes from Geography, Architecture, Philosophy and Oriental thought. Despite the proximity with discussions held in the Brazilian geography field, there is a gap in researches that deeply dialogue with his work. Some Brazilian researches have ventured into some aspects of his thought and have opened the way for possible approaches. This paper will present some of the dialogues already established in the context of Brazilian Geography. Subsequently, an effort is made to understand some of the foundations of Berque's work, which is set in a search for alternatives to the dominant scientific practice, which is based on a dualism between subject and object. With a movement from oriental thought, mainly Chinese and Japanese, he starts from another ontology and another logic to understand the relationship between humanity and the Earth,*

¹ Discente no Programa de Pós-graduação em Geografia, doutorado, na Universidade Federal do Paraná, UFPR. E-mail: hugomarandola@gmail.com.

² Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná, UFPR. Professor Titular na UFPR. E-mail: faustogil@ufpr.br.

in his words, an onto-logic proposal. In seeking to dilute the split between subject and object it is based, among others, on the hermeneutic phenomenology of the Japanese philosopher Watsuji Tetsurô and the biological investigations of Jakob von Uexküll. The notions of trajectory and trajectory chain are also discussed as ways of understanding the relationship established between humanity and the Earth.

KEYWORDS: *Ontology; Trajectory; Oriental thought.*

RESUMEN: *La obra de Augustin Berque aborda diversos temas de la Geografía, la Arquitectura, la Filosofía y el pensamiento oriental. Pese a la proximidad con las discusiones mantenidas en el ámbito de la geografía brasileña, existe un vacío en las investigaciones que dialogan profundamente con su obra. Algunas investigaciones brasileñas han incursionado en algunos aspectos de su pensamiento y han abierto el camino para aproximaciones posibles. Este trabajo presentará algunos de los diálogos ya establecidos en el contexto de la Geografía brasileña. Además, se intenta comprender algunas de las bases de la obra de Berque, que se inscribe en una búsqueda de alternativas a la práctica científica dominante, basada en un dualismo entre sujeto y objeto. Con un movimiento a partir del pensamiento oriental, principalmente chino y japonés, parte de otra ontología y otra lógica para entender la relación entre la humanidad y la Tierra, en sus palabras, una propuesta onto-lógica. Al tratar de diluir la escisión entre sujeto y objeto se basa, entre otros, en la fenomenología hermenéutica del filósofo japonés Watsuji Tetsurô y en las investigaciones biológicas de Jakob von Uexküll. También se abordan las nociones de trayectoria y cadena trayectiva como formas de entender la relación que se establece entre la humanidad y la Tierra.*

PALABRAS-CLAVE: *Ontología; Trayectoria; Pensamiento oriental.*

INTRODUÇÃO

Considerado como um expoente na Geografia Cultural francesa, com vasta obra e alguns prêmios recebidos tanto no Ocidente como no Oriente, ainda são poucos os estudos e aproximações com a obra de Augustin Berque no Brasil.

Mas por que a obra e o pensamento de Berque figuram de maneira tão tímida nas agendas e pesquisas da geografia brasileira? Como um autor contemporâneo, com uma vasta produção e com várias possibilidades de diálogos com a geografia praticada no Brasil é relegado à margem das discussões?

É muito difícil afirmar o que levou a esse cenário e, em verdade, encontrar esses motivos não tem muita relevância no contexto desse esforço reflexivo. Ainda assim, uma breve consideração sobre a escassez de diálogos profícuos entre o pensamento de Berque e a geografia brasileira é apresentada como uma forma de introdução ao tema. Na sequência, o objetivo é apresentar algumas das pesquisas realizadas no âmbito da geografia brasileira que se dedicaram a dialogar e refletir sobre algum aspecto da obra de Berque de maneira mais direta e profunda. Sem a intenção de realizar uma pesquisa bibliométrica, levantando todas as pesquisas que citaram algum texto do autor, o propósito é o de encontrar as pesquisadoras e pesquisadores que, de algum modo, estabeleceram diálogos epistemológicos com o autor francês.

A partir das sendas abertas pelas pesquisas já realizadas, este ensaio propõe apresentar algumas das bases do pensamento de Berque e, a partir disso, evidenciar sua forma específica de constituição de um pensar distinto do usualmente praticado no Ocidente e na geografia brasileira. Ao apresentar um aspecto de sua crítica ao pensamento ocidental na expressão do dualismo existente entre sujeito e objeto e como ele colocou em diálogo desde pensadores gregos até tradições ocidentais e orientais, o esforço é de demonstrar como sua proposta pode contribuir para as questões que tem preocupado um determinado grupo de pesquisadoras e pesquisadores na geografia brasileira, em especial na Geografia Humanista Cultural.

APROXIMAÇÕES COM A OBRA DE BERQUE

Ao nos depararmos com uma lista que compila os textos já produzidos por Berque (elaborada por ele, mas não publicada), espanta-nos a sua extensão: são mais de 500 itens. Incluem-se aí os mais de 20 livros, mais uma centena de artigos e textos diversos que incluem notas, capítulos de livros e traduções, dentre outros, publicados principalmente em francês e japonês, além de traduções para línguas como o inglês, chinês, espanhol e português.

A barreira linguística pode ser apontada como um dos principais motivos para tal lacuna na geografia brasileira. Afinal, são poucos os textos e nenhum livro traduzido para o português. E são variadas as opções: mais de 20 livros publicados desde a década de 1980 e uma vida acadêmica muito ativa até hoje. Além disso, também é notável que houve (e ainda há) uma resistência a propostas divergentes da hegemônica no contexto da geografia brasileira. Mesmo que a trajetória da Geografia Humanista remonte ao início do século XX (HOLZER, 2016), houve resistência na incorporação dessas discussões no contexto brasileiro, o que muito provavelmente contribuiu para a escassez de diálogos com o pensamento de Berque.

Apesar de poucos, há alguns textos do autor francês traduzidos para o português. O primeiro traduzido no Brasil foi “Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural”, publicado em 1998 pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura – NEPEC (BERQUE, 1998), que teve grande alcance e foi bastante citado em diversas pesquisas sobre o tema, por apresentar uma concepção inovadora de paisagem. Mesmo que o alcance do texto tenha sido considerável no Brasil, sendo mencionado em algumas pesquisas sobre paisagem até hoje, não resultou em diálogos profícuos com a geografia brasileira. Uma evidência é que se passaram mais de dez anos para que outros textos de Berque fossem traduzidos para o português. O que pode ter ocorrido? Como um texto tão citado, mencionado como uma abordagem inovadora à época, não despertou o interesse editorial e mesmo científico? Dentre as muitas variáveis que podem

ser apresentadas como motivações para a não continuidade de traduções e quase nula aproximação epistemológica, destaco a seguinte: o texto original trata-se de uma nota de pesquisa publicada em 1984 que, portanto, não apresenta suas bases epistemológicas (BERQUE, 1984). À época, Berque (2014a), em conjunto com outros pesquisadores, estava organizando o seminário “Paysage empreinte, paysage matrice” e publicou essa nota como uma espécie de divulgação desse evento. Ou seja, apesar dessa tradução representar a apresentação de Berque no contexto brasileiro, e o seu impacto nas publicações nos anos seguintes demonstram sua importância, a não continuidade das traduções e de pesquisas que dialogassem com as bases da obra de Berque parecem ter bloqueado as possibilidades de pesquisas e maiores desdobramentos.

Mais de dez anos depois dessa primeira tradução, outros dois textos foram publicados no Brasil pela revista *Geograficidade*: “Geogramas, por uma ontologia dos fatos geográficos” (Berque, 2012a) e “As cosmoфанias das realidades geográficas” (Berque, 2017a). Em Portugal, outros quatro textos foram traduzidos e publicados nos livros sobre filosofia da paisagem de Adriana Serrão (BERQUE, 2011a; 2011b; 2012b; 2012c). No entanto, estes últimos foram publicados em livros impressos que não tem circulação em nenhuma editora brasileira, o que dificulta o acesso.

Ainda assim, algumas pesquisadoras e alguns pesquisadores se aventuraram a estabelecer relações entre a geografia de Berque e a brasileira, utilizando os poucos textos traduzidos para o português, as obras originais e alguns textos publicados em inglês. Apresento aqui uma primeira sistematização destas investigações, visando revelar as potencialidades de um diálogo entre o pensamento do autor e a geografia brasileira, principalmente a Humanista e Cultural.

Em seu percurso epistemológico, Berque traça um longo caminho pela paisagem. Ao buscar romper com o dualismo existente no pensamento moderno (tema que será abordado no próximo tópico), onde há uma cisão entre um mundo objetivo e outro subjetivo, tomou a paisagem como uma via para compreender a realidade para além dessa ruptura, uma realidade em que esses polos se relacionam de maneira incessante e inescapável. Dessa forma, a paisagem é tema central em diversos de seus textos, pois ele a considera como instrumento para a compreensão da constituição dos meios humanos (BERQUE, 2014b).

Esta abordagem filosófica e epistêmica de Berque sobre a paisagem despertou o interesse de pesquisadoras e pesquisadores no Brasil, tornando esse conceito, até o momento, a principal forma de aproximação com o pensamento de Berque na geografia brasileira. Werther Holzer me parece ser o primeiro a estabelecer uma interlocução mais aprofundada com o conceito de paisagem do autor no Brasil. Em sua dissertação, com a clássica sistematização da Geografia Humanista entre 1950-1990, defendida em 1992 e

publicada recentemente pela EdUEL, Holzer (2016) menciona a contribuição de Berque. Em textos posteriores (HOLZER, 2004, 2008) ele se propõe a abrir um diálogo mais profícuo com a concepção de paisagem de Berque, a qual ele considera inovadora e criativa.

Realizando a leitura de algumas obras de Berque, Holzer (2004, 2008) apresenta o geógrafo francês aos leitores brasileiros, indicando suas bases filosóficas e epistemológicas ao desenvolver sua abordagem sobre a paisagem, uma vez que no texto traduzido, de 1998, não há tal apresentação.

Holzer (2004) aponta uma das maiores preocupações de Berque, que se refere à objetivação da paisagem nos estudos realizados até então e como ele busca alternativas para superar esta abordagem, compreendendo a paisagem na relação entre o objetivo e o subjetivo. Ela é objetivada, mas não somente isso, e explica sua concepção através dos conceitos de paisagem-marca e paisagem-matriz, fazendo referência à importância de ir além do texto de 1998.

Buscando compreender de que forma Berque constrói sua concepção de paisagem, Holzer (2008) investiga o conceito de trajeção desenvolvido pelo autor francês. O autor busca articular esse conceito com a noção de uma paisagem vernacular, que figurava em suas pesquisas à época. Destaca que a trajeção é o movimento contínuo entre o meio humano e ambiente físico, onde sujeito e objeto estabelecem uma relação de reciprocidade, característica a eles próprios. É o caráter trajetivo da realidade que sustenta a compreensão de paisagem como a relação entre o homem e seu meio.

Holzer (2008) estabelece uma interlocução entre a concepção de trajeção de Berque com a noção de geograficidade de Dardel (2011). Segundo ele, a trajeção está atada à história, à construção da realidade na relação entre meio humano e ambiente físico, enquanto a geograficidade está visceralmente ligada à memória, à relação intersubjetiva entre indivíduo e mundo. No entanto, o autor reconhece a importância de ambos para a construção do conhecimento geográfico e a compreensão da realidade a partir de uma Geografia Humanista Cultural.

O objetivo de Holzer com esses textos parece ter sido o de instigar outros a se aprofundarem na leitura de Berque, indicando as potencialidades de seu pensamento e esboçando algumas das possíveis relações com a geografia brasileira. Para isso realizou uma leitura cuidadosa e apresentou os conceitos de meio, trajeção, mediância e paisagem, traduzindo passagens das obras de Berque e refletindo sobre suas bases epistemológicas.

Enquanto Holzer (2004, 2008) apresenta os conceitos de paisagem e trajeção instigando outros a pesquisarem a obra de Berque, Maria (2010, 2016) parece ser a primeira a utilizar a noção de paisagem de Berque para desenvolver sua pesquisa. Tanto sua dissertação (MARIA, 2010) como sua tese (MARIA, 2016) apresentam uma investigação sobre o conceito de paisagem partindo do pensamento de Berque. A autora apresenta o

caminho trilhado por Berque na construção do conceito de paisagem, suas inquietações em relação à prática científica dominante na Geografia, e sua busca por alternativas filosóficas e epistemológicas. Assim como Holzer (2004, 2008), Maria (2010) busca compreender os conceitos que sustentam o pensamento de Berque, traduzindo diversas passagens de livros do autor francês com o objetivo principal de compreender a concepção de paisagem de Berque.

Em sua dissertação, Maria (2010) estabelece contato com alguns dos principais livros e artigos de Berque e analisa a forma como esse autor desenvolveu seu pensamento sobre a paisagem. Para tanto, apresenta e reflete sobre os conceitos de meio (*milieu*), ecúmeno (*écoumène*), mediância (*médiance*) e trajetão (*trajection*), os quais Berque desenvolveu em seu trajeto pela paisagem.

Ao apresentar tais conceitos, Maria (2010) busca relacionar o pensamento de Berque com o de Cauquelin (2007), propondo a noção de uma paisagem sensível. A compreensão da paisagem como a manifestação da relação entre o físico e o fenomênico sustenta seus argumentos no sentido de considerar a realidade entre o homem e seu meio como relacional.

Em sua tese de doutorado, Maria (2016) continua seu aprofundamento na obra de Berque. Considerando como inescapável a trajetividade da realidade, ou seja, que há uma relação constante entre o ambiente físico e o meio humano, Maria coloca a concepção de paisagem de Berque em diálogo com outros autores como Besse, Serrão e Ingold, para compreender esse caráter trajetivo da realidade. Ao trilhar esse caminho, a autora trava uma relação epistemológica entre o pensamento desses autores, desenvolvendo a noção de uma paisagem trajetiva, como uma possibilidade de leitura da realidade geográfica. Sua pesquisa demonstra um esforço epistemológico para o desenvolvimento do pensamento geográfico com contribuição de outras áreas do conhecimento, como a filosofia e a antropologia.

Outra contribuição que se deu via paisagem foi a dissertação de um dos autores desse texto, Hugo Leonardo Marandola (2017). A partir dessas primeiras aproximações com o pensamento de Berque apresentadas anteriormente, a pesquisa propôs uma investigação de um aspecto específico da concepção de paisagem de Berque e aplicá-lo na busca de revelar a paisagem de um bairro rural. A noção de paisagem marca e paisagem matriz está muito presente no desenvolvimento do pensamento de Berque e, mesmo considerando as questões levantadas anteriormente, esse caminho foi adotado, mas ampliando e aprofundando a compreensão do autor sobre esse aspecto da paisagem.

O ponto de partida foi a forma como Berque considera que a paisagem é ao mesmo tempo marca e matriz. É marca (morfológica), porque exprime maneiras de fazer e maneiras de ver que lhe são anteriores. A partir das marcas podemos ler e interpretar a paisagem pela sua forma. Matriz (esquemática ou estrutural), por sua vez, porque informa maneiras de ver e

maneiras de fazer que exprimirão ulteriormente outras paisagens. São interdependentes: a marca expressa a matriz e a matriz revela o sentido da marca (BERQUE, 1998, 2000; MARANDOLA, 2017).

Tendo essa noção de paisagem marca-matriz como base, a pesquisa buscou revelar a paisagem do bairro rural Elihu Root, em Araras, SP (MARANDOLA, 2017). Ao descrever fenomenologicamente as marcas, as matrizes foram reveladas; ao conversar com os moradores do bairro rural, a paisagem foi revelada. A paisagem do bairro rural é a própria manifestação da relação entre aquele grupo e seu meio.

Berque descreve uma das formas de manifestação dessa relação entre o homem e seu meio como pensamento paisageiro. As primeiras aproximações com essa noção se deram em artigo publicado na revista *Geograficidade* (MARANDOLA; OLIVEIRA, 2018), onde buscou-se refletir sobre essa concepção de Berque, investigando as origens da paisagem no pensamento do autor e seus desdobramentos em pensamento paisageiro e pensamento da paisagem. O primeiro reflete a relação íntima existente entre o homem e seu meio pois, pelo trabalho humano, a paisagem é transformada, porém a própria paisagem transforma o homem. O pensamento paisageiro, portanto, é a forma como uma determinada sociedade se relaciona com seu meio. Por outro lado, o pensamento da paisagem é uma reflexão explícita sobre a paisagem, como surgido no Renascimento europeu.

Apesar de muitas outras pesquisas mencionarem a concepção de paisagem de Berque, as apresentadas aqui se mostram como as que buscaram uma interlocução entre as bases epistemológicas com a geografia brasileira, além de propor possíveis desdobramentos a partir desses diálogos. No entanto, a contribuição desse autor não se resume ao seu pensamento sobre a paisagem, em verdade vai muito além disso. Uma das possibilidades de aproximação com sua obra é a partir do diálogo estabelecido entre os pensamentos oriental e ocidental. Ao desenvolver sua tese e trabalhar no Japão por vários anos, ao constituir família naquele país, e outros elementos que podem ser encontrados em entrevistas disponíveis em diversos sites, Berque se aprofunda cada vez mais no pensamento chinês e japonês. Com isso, a base epistemológica de sua obra se apoia no diálogo entre os pensamentos oriental e ocidental. Foi exatamente esse diálogo que instigou Dal Gallo (2014) a publicar seu artigo, onde buscou compreender como Berque estabeleceu relação entre essas duas bases de pensamento.

Dal Gallo (2014) procurou sistematizar alguns aspectos do pensamento do filósofo japonês Watsuji Tetsurô, discutindo sobre a existência humana e a relação homem-mundo (a partir dos conceitos de *aidagara* (relacionalidade), *ningen* (homem), *sonzai* (existência)). Seu objetivo foi o de identificar como Berque incorporou estes conceitos em sua obra. Para tanto, a autora busca diversos leitores de Watsuji na língua inglesa, uma vez que a obra desse filósofo não repercutiu em pesquisas de língua portuguesa.

Dentre as principais preocupações de Watsuji encontrava-se a de contrapor o individualismo que predominava no pensamento ocidental à época e que passava a se incorporar ao pensamento nipônico. Dal Gallo (2014, p. 36) destaca que a proposta de uma ontologia social do filósofo se funda na “[...] configuração da própria sociedade e cultura japonesa”, tendo a coletividade como base para uma vida harmoniosa. Dessa forma, para defender que a condição humana é de estar sempre em relação, Watsuji aprofunda e desenvolve as noções de *aidagara*, *sonzai* e *ningen* no contexto da sociedade japonesa e como elas fundamentam a noção de *fûdo* (meio), que é central na concepção de uma ontologia relacional.

A abordagem) traz à luz uma aproximação ao pensamento de Berque que ainda não havia sido explorada na geografia brasileira. Em geral, a via de entrada ao pensamento de Berque é a paisagem, como mostrado há pouco. O texto da autora revela que existem outros caminhos a serem trilhados. Nas suas próprias palavras, esta é uma das principais contribuições de seu esforço:

Expor esse quadro num primeiro passo oferece mais um interlocutor para as questões prementes ao esteio humanista, na medida em que Berque tem forte preocupação com a dissolução dos pareamentos homem-ambiente e sujeito-objeto, no nível epistemológico e no nível ontológico. Expor seu pensamento aponta novas possibilidades e perspectivas à abordagem humanista, principalmente, pela singularidade de receber também influências de uma matriz filosófica cuja origem é oriental. Essa que se coloca em diálogo com referenciais fenomenológicos a fim de elucidar o momento estrutural da existência humana orientando as discussões para questões seminais sobre o estar no mundo do homem (DAL GALLO, 2014, p. 34).

No entanto, essa primeira aproximação não parece ter frutificado em outras pesquisas, desdobrando e ampliando essas discussões. A própria autora publica no ano seguinte (DAL GALLO, 2015) um artigo sobre “A geografia humanista no Japão”, onde menciona a importância de Berque nesse contexto, mas não há outras pesquisas que se desenvolveram nesse sentido.

A partir dessa pequena exposição sobre alguns dos esforços de diálogo com a obra de Berque, podemos agora apresentar outras possibilidades que podem se abrir ao aprofundarmos no pensamento do geógrafo francês. Para esse ensaio, destacamos sua crítica ao dualismo e uma das bases de sua proposta para ultrapassá-lo.

A CRÍTICA DE BERQUE AO DUALISMO

Dentre as bases do pensamento de Berque está uma crítica e uma recusa ao dualismo, à cisão entre sujeito e objeto como base de um pensamento científico moderno. Em verdade,

sua recusa é de considerar esse dualismo como verdade universal, hegemônica e o único pensamento científico válido. Considerar a subjetividade humana como dissociada do ambiente, da própria Terra, esta que, por sua vez, é compreendida como mero objeto, um ambiente concreto bruto, é apenas uma forma de compreender a realidade. A Fenomenologia é uma das formas de pensar e compreender o mundo que sustentam tal posicionamento. Apesar se seus fundamentos se concentrarem numa tradição husserliana (pelo caminho ontológico) ou peirciano (pelo caminho semiótico), ela se desdobra a partir de diversos caminhos trilhados por pensadoras e pensadores que os seguiram.

A abordagem de Watsuji (2011) é um dos pontos de partida para Berque (2009, 2014b, 2017a) questionar e repensar a forma como se compreende a relação entre a humanidade e a Terra, partindo do princípio de que o pensamento ocidental, hoje hegemônico, não é e nunca foi a única forma de compreender a realidade e o mundo. Portanto, outras tradições de pensamento podem trazer à luz outras formas de compreensão do mundo e do ser, outras ontologias. No entanto, o francês não se limita a reproduzir a crítica de Watsuji (2011), mas traça um caminho próprio, investigando as origens do dualismo e sua influência nas crises de nosso tempo.

Para tanto, Berque (2009, 2014a, 2018) vai de Aristóteles e Platão a Descartes e Newton para demonstrar que ao separar a humanidade da Terra, sujeito e objeto, promoveu uma decosmicização que se mostra como a raiz de uma crise ambiental, social, política e ética.

A seguir, será exposto como Berque (2009) elabora sua crítica no livro “Écoumène: introduction à l’étude des milieux humains”, publicado originalmente em 2000, articulando com as noções de lógica do predicado de Nishida (2016) e do embate Terra x mundo de Heidegger (2004). Na sequência, será apresentado o avanço na compreensão de Berque (2014a, 2014b, 2018) tanto sobre a própria cisão entre sujeito e objeto como de sua abordagem, agora propondo a mesologia como uma alternativa ao dualismo.

“Falta à ontologia uma geografia, e à geografia uma ontologia”³, é como Berque (2009, p. 9) inicia seu livro “Écoumène: introduction à l’étude des milieux humains”. Uma frase que situa a preocupação do autor e aponta o caminho traçado em sua obra, onde questiona a forma como se apreende a realidade em nossa sociedade ocidental que é baseada no que ele designa de Paradigma Ocidental Moderno Clássico; e, por outro lado, busca no pensamento oriental a base de uma proposta para ultrapassá-lo a partir de outra ontologia.

Portanto, trata-se de um esforço de compreensão epistemológica e ontológica, buscando articular as leituras dos filósofos orientais como Watsuji (2011) e Nishida (2016), com sua crítica sobre o dualismo moderno e o pensamento ocidental. Para tanto, Berque

³ Tradução livre de: “Il manque à l’ontologie une géographie, et à la géographie une ontologie”.

(2009) retoma e atualiza sua compreensão sobre os conceitos que havia cunhado há mais de uma década, como mediância e trajeção, e o papel fundamental da paisagem como expressão da relação entre uma determinada sociedade e seu meio. É um livro denso e revelador que não será tratado como um todo neste ensaio.

O § 30 “L’en-tant-que de la réalité” (“O enquanto-que da realidade”, em tradução livre), condensa a crítica de Berque (2009) em relação ao dualismo moderno e como ele constituiu sua proposta para ultrapassá-lo. Com as leituras que tinha até o momento, final da década de 1990, busca compreender a maneira como se apreende a realidade das coisas, traçando um caminho epistemológico e ontológico a partir do diálogo entre Nishida, Aristóteles, Platão e Heidegger.

Ao questionar o dualismo existente na ciência moderna, que promoveu uma cisão entre sujeito e objeto, Berque (2009) expõe como essa é uma abstração e não corresponde como a única forma como a humanidade se relaciona com a Terra. Para ele, a apreensão da realidade se dá a partir de uma relação intrínseca entre sujeito e objeto, onde um não escapa ao outro. Ele se aventura pela lógica para expressar essa relação por meio da fórmula $R = \text{lgS}/\text{lgP}$, que se lê: realidade é a lógica do sujeito enquanto-que lógica do predicado.

Diante da premissa de que a base de nosso pensamento científico moderno repousa nos gregos, Berque (2009) retoma as ideias de Aristóteles e Platão para compreender os fundamentos da cisão entre sujeito e objeto, principalmente a lógica do sujeito presente no pensamento de Aristóteles. Para compor sua análise, destaca a proposta de uma lógica do predicado do filósofo japonês Nishida Kitaro (1870-1945). Esta teria sido constituída como oposição à lógica do sujeito de Aristóteles. Mas no que consiste essas noções de lógica do sujeito e lógica do predicado?

Iniciando por Nishida (2016), um dos fundadores da Escola de Kyoto que, já em sua primeira obra de 1911, “O ensaio sobre o bem”, expõe suas preocupações e seu ponto de partida para compreender a realidade das coisas e a realidade humana; para ele, é necessário “[...] duvidar daquilo que se possa duvidar, abandonar todas as suposições postuladas pelo homem e tomar como ponto de partida o fundamento de um conhecimento direto do qual não poderemos duvidar mesmo que desejemos fazê-lo” (NISHIDA, 2016, p. 64). A partir dessa postura frente aos fenômenos, o filósofo passa a questionar a separação entre sujeito e objeto existente na ciência moderna, encarando esse fato como uma pressuposição oriunda das “necessidades de nossos pensamentos” e não da experiência direta da realidade.

Nishida busca compreender a realidade anterior à cisão entre sujeito e objeto, uma realidade independente e completa em si mesma. Isso se daria por meio da “experiência pura”. Mas como se daria essa experiência única, anterior à oposição entre sujeito e objeto? O filósofo explica por meio de um exemplo:

Assim como quando o nosso coração é arrebatado por uma bela melodia, nos esquecemos de nós mesmos e das coisas e experimentamos o céu e a terra ressoar como uma única voz, nesse instante a verdadeira realidade se faz presente. Dizer que se trata do movimento do ar, ou o pensamento de que existe um 'eu' que ouve, é algo que surge quando esquecemos a verdadeira visão da realidade e passamos a refletir e a pensar. Nesse momento já esquecemos a verdadeira realidade (NISHIDA, 2016, p. 76).

Na experiência direta da realidade, a melodia não é um objeto que é ouvido ou observado, tão pouco há um sujeito que ouve ou observa a melodia, há apenas o fenômeno independente e completo em si mesmo. Considerando uma visão onde se separa sujeito e objeto, podemos fazer uma descrição puramente mecânica do fenômeno, com as cordas de um violão esticadas com as exatas tensões que lhe conferem diferentes tons; o tipo de madeira utilizado conferindo timbres particulares; a vibração das cordas movimentando o ar e atingindo os tímpanos e assim por diante. Por outro lado, podemos dizer que é um fenômeno subjetivo por se tratar de questões individuais de sentimento e estado de espírito do ouvinte. No entanto, Nishida (2016, p. 102) argumenta que “[...] se dissermos que é subjetiva por ter relação com fenômenos da consciência, a natureza puramente mecânica também seria subjetiva, pois fatores como o espaço, o tempo e o movimento também não podem ser pensados separados da consciência”. Reduzir a realidade aos fatos físicos e materiais, separados de nossa consciência e vontade, é reduzi-la a conceitos abstratos. Ou seja, ele contrapõe os que defendem a realidade como objetiva, numa crítica direta à física moderna. Para tanto, diz que os conceitos utilizados por essa ciência que se diz empírica são formados na consciência por meio da vontade, pensamento e intelecto humano. Portanto, ao descrever esses fenômenos objetivos ou concretos em nossos termos, há uma subjetivação inerente ao fenômeno, deixando de ser puramente objetivo como intentam.

Em obras posteriores, Nishida amadurece sua concepção de experiência pura e continua buscando "entender a unidade anterior à cisão do sujeito e do objeto" (BERQUE, 2009, p. 227). Para isso, retoma a lógica do terceiro excluído de Aristóteles e a coloca em diálogo com princípios do pensamento oriental, como do budismo e do taoísmo. O autor formula o que chama de "lógica do lugar", onde lugar não se refere à localização ou ao conceito geográfico de lugar, mas à *basho* (em referência ao "*timeu*" de Platão), que Nishida entende como o lugar de qualquer relação. Essa "[...] relação supõe o lugar de seu ter-lugar; e esse lugar precede ontologicamente os termos" (BERQUE, 2009, p. 227).

Para Berque (2009), a forma que Nishida compreende a "lógica do lugar" é metafórica, pois a maneira como apreendemos a coisa não é a coisa em si e, portanto, assimilar a coisa é uma metáfora. Por isso a identidade do predicado precede ontologicamente a do sujeito (a coisa), pois a essência não estaria no em-si da coisa, mas no predicado que nos diz a natureza

do em-si da coisa. Ele utiliza um exemplo para demonstrar esse pensamento. Na afirmação “Sócrates é um homem” supõe-se o predicado do predicado “um homem é um mamífero” (BERQUE, 2009, p. 228). Realizando essa subsunção indefinidas vezes, seria possível atingir a essência das coisas, pois o sentido das coisas não repousa nelas mesmas, mas nos sentidos que apreendemos, em sua predicatividade. A interpretação de Berque sobre o pensamento de Nishida demonstra que ele está restrito a uma lógica do predicado e, portanto, acaba por ainda se prender a um dualismo, não alcançando essa experiência anterior à cisão entre sujeito e objeto.

Por outro lado, pela lógica do terceiro excluído aristotélico é pela oposição que os termos se definem, em um insistente “não é”, como no caso, A não é não-A. Por essa lógica, só há sentido no em-si das coisas. Ao se atribuir sentido às coisas, perde-se o sentido em-si. Portanto, seria impossível atingir a verdade, pois ela repousa na coisa em-si, ou seja, uma lógica da identidade do sujeito.

Diante dessas duas abordagens que se apresentam como opostas, a lógica do sujeito com base em Aristóteles e a lógica do predicado com base em Nishida, Berque (2009) defende que, em verdade, elas não são excludentes, antes, são complementares. Para tanto, parte do ponto de vista da mediância, que é o momento estrutural da existência humana, assim como definido por Watsuji (2011), para constituir sua compreensão do enquanto-que da realidade (BERQUE, 2009). Mas como é possível fundamentar uma visão onde não há uma cisão entre sujeito e objeto? Berque recorre à Heidegger (2004) para articular sua proposta a partir da mediância, relacionando-a ao embate entre o mundo e a terra presente em “A origem da obra de arte”. “Emerge claramente da concepção heideggeriana que a realidade não pode ser reduzida nem a uma, nem a outra dessas duas lógicas, mas que elas se combinam e se excluem paradoxalmente uma a outra no exato momento de sua combinação”⁴ (BERQUE, 2009, p. 232).

Heidegger se refere à terra como o que constantemente se fecha em si e, dessa forma, dá guarida. O mundo, ao contrário, é abertura. No entanto, não há mundo sem terra ou terra sem mundo. “O mundo funda-se na terra e a terra irrompe através do mundo” (HEIDEGGER, 2004, p. 38). O mundo, mesmo ao buscar sobrepujar a terra em sua abertura, se funda no que lhe dá guarida e a terra, ao encerrar-se em si mesma, não pode renunciar à abertura do mundo. Para ele, é no obrar da obra de arte que se realiza esse embate, ou litígio, ao instaurar um mundo e ao produzir a terra, um embate que se dá no constante abrir-se do mundo e fechar-se da terra.

⁴ Tradução livre de: “Il ressort clairement de la conception heideggerienne que la réalité ne peut être ramenée ni à l’une, ni à l’autre de ces deux logiques, mais qu’elles se combinent tout en s’excluant paradoxalement l’une l’autre dans le moment même de leur combinaison”.

Berque (2009) se apropria da visão de Heidegger (2004) sobre o ser-obra da obra de arte ao considerar o mundo como a lógica do predicado e a terra como a lógica do sujeito. Dessa forma, ele amplia a ideia do embate entre terra e mundo estabelecido por Heidegger, e propõe um paradigma ecumenal, pois o ecúmeno seria a obra humana mais universal. O ecúmeno aqui compreendido de uma forma mais vasta daquela definida pelos gregos: “a parte da Terra ocupada pela humanidade”. Na modernidade, com o avanço da atividade humana sobre todo o planeta, não há mais como diferenciar áreas sem interferência humana, perdendo o sentido do termo. Assim, resgatando a origem grega do vocábulo, a noção geográfica de ecúmeno procede da “[...] relação que funda a presença [da humanidade] sobre a Terra” (BERQUE, 2011a, p.187). Berque (2009, p.17) compreende o ecúmeno como uma relação que é “[...] ao mesmo tempo ecológica, técnica e simbólica da humanidade com a extensão terrestre”⁵. Como algo propriamente humano, o ecúmeno instaura mundos ao mesmo tempo em que revela a natureza das coisas.

Para esclarecer essa relação entre mundo (lógica do predicado) e natureza das coisas (lógica do sujeito), Berque (2009) retoma as ideias de Aristóteles e Platão, onde o *topos* aristotélico corresponde à lógica do sujeito, e a *chôra* de Platão à lógica do predicado. Novamente, há uma unidade intrínseca entre as duas lógicas, a realidade das coisas está no tornar-se. A coisa em-si (lógica do sujeito) existe enquanto-que a compreendemos (lógica do predicado), e é no ecúmeno que ocorre esse movimento, esse tornar-se.

Efetivamente, no ecúmeno, as coisas existem em virtude do enquanto-que nos termos em que as compreendemos; que, no entanto, não é simples mundanidade (IgP), porque supõe que as coisas **são** em si-mesmas o que elas são (IgS). Elas não **existem** no sem-sentido (*non-sens*) do puro em-si, o qual, por definição, nos seria pra sempre inacessível; pois as compreendemos muito claramente, mas pelo mero fato de apreendê-las, nós as “predicamos” (*prédiquons*) necessariamente nos termos de nosso mundo⁶ (BERQUE, 2009, p. 234-235, grifo do autor).

Para Berque (2009, p. 17), o ecúmeno é o que é propriamente humano, “[...] é plenamente a morada (*oikos*) do ser do humano”⁷, diferentemente de uma filosofia que coloca a morada do ser na linguagem. A linguagem é considerada pelo autor como predicado. O enquanto-que das coisas é anterior à linguagem e, portanto, ao apreender as coisas por meio

⁵ Tradução livre de: “à la fois écologique, technique et symbolique de l’humanité à l’étendue terrestre”.

⁶ Tradução livre de: “Effectivement, dans l’écoumène, les choses existent en vertu de l’en-tant-que dans les termes duquel nous les saisissons ; lequel n’est cependant pas simple mondanité (IgP), car il suppose que les choses **sont** en elles-mêmes ce qu’elles sont (IgS). Elles n’**existent** pas dans le non-sens d’un pur en-soi, lequel, par définition même, nous serait à jamais insaisissable ; car nous les saisissons bel et bien, mais par le seul fait de les saisir, nous les « prédiquons » nécessairement dans les termes de notre monde”.

⁷ Tradução livre de: “est pleinement la demeure (*oikos*) de l’être de l’humain”.

da linguagem, as predicamos. A linguagem emerge dessa relação que é o ecúmeno, ao mesmo tempo físico, ecológico e simbólico.

Uma busca por uma religação da humanidade com a extensão terrestre: sujeito e objeto (ou lógica do predicado e lógica do sujeito) são indissociáveis e, ao apreendê-los de forma separada, a ciência moderna gerou uma crise que reverbera em todos os aspectos da sociedade. Ao compreender a existência humana como relacional, tendo o ecúmeno como morada do ser do humano de um ponto de vista da mediância, dilui-se a cisão entre sujeito e objeto e abrem-se possibilidades de ultrapassar o dualismo e instaurar outros mundos possíveis. Importante frisar que ao propor ultrapassar o dualismo, Berque não rejeita completamente esse pensamento, antes, afirma que para que seja possível superar as crises atuais, deve-se assumir que há outra forma de pensar e compreender o mundo.

No entanto, em 2000, quando Berque (2009) publicou o livro de qual a discussão anterior foi suscitada, ainda estava em processo de amadurecimento de sua proposta. Já são mais de 20 anos de sua publicação e o autor seguiu avançando com suas leituras e trilhando outros caminhos. Desde então, publicou vários livros e artigos onde desdobra essas reflexões.

OS PRINCÍPIOS DA PROPOSTA DE BERQUE

Berque segue na busca de uma concepção da realidade a partir de outra ontologia, encontrando outros autores para dialogar e compreender a realidade das coisas. Em obras posteriores (BERQUE, 2014a, 2014b, 2019a, 2021), a leitura mais sistemática da obra de Uexküll (1965), Yamaushi (2020) e de outros pensadores, trouxe à luz o papel do intérprete na relação que se estabelece para a constituição de um determinado meio (*Umwelt*). A partir disso, Berque redesenha sua fórmula como $r = S/P$ (a realidade r é S (sujeito) enquanto que P (predicado)), destacando o intérprete (I), uma vez que sempre S existe enquanto que P para algum intérprete, seja humano ou não-humano, formando assim uma ternaridade $S-I-P$.

É nesse contexto que Berque (2014a, 2014b, 2019a, 2019b, 2021) propõe a mesologia como uma solução onto-lógica. Uma ontologia relacional com base em Watsuji e Uexküll que supere a cisão entre sujeito e objeto; e também uma lógica que supere o terceiro excluído, a partir do *tetralemme* de Yamaushi. Esse ensaio se restringe a apresentar alguns aspectos dessa proposta onto-lógica e meso-lógica tratada por Berque em seus textos mais recentes.

Em 2010, antes de a mesologia assumir um papel central como proposta de uma outra perspectiva para compreender a realidade e o mundo, Berque (2016) aprofunda sua compreensão da distinção entre o *topos* aristotélico e a *chôra* platônica em seu livro “Histoire de l’habitat idéal: de l’Orient vers l’Occident”. Me parece ser nesse livro o primeiro momento em que Berque (2016, p. 303) passa a analisar a ciência moderna tendo como base o “*topos*

ontológico moderno”⁸ – TOM. A lógica do TOM funda a ciência moderna, que domina a modernidade. Tanto o dualismo como o individualismo são expressões do TOM. Ou seja, a lógica do sujeito aristotélica se assenta na noção de *topos*, que reduz as coisas a objetos abstraídos de seu meio. Também abstrai o meio do indivíduo e, portanto, funda a cisão entre sujeito e objeto. Por outro lado, a *chôra* de Platão é como um meio indefinido em relação com às coisas, é “[...] paradoxalmente, tanto sua marca como sua matriz”⁹ (BERQUE, 2016, p. 303).

Mas é somente a partir de “Poétique de la Terre: histoire naturelle et histoire humaine, essai de mesologie”, que Berque (2014a) parece sedimentar e sistematizar sua proposta de superação dessa lógica do TOM a partir de uma perspectiva mesológica. O livro apresenta uma investigação profunda sobre os principais aspectos da abordagem de Berque. O autor retoma tanto sua crítica sobre o dualismo, indo a fundo na origem e nas implicações da lógica do TOM na sociedade moderna, quanto revisita os conceitos forjados na década de 1980, como mediância, trajeção, ecúmeno e a própria mesologia. Ainda em 2014, Berque (2014b) publica um pequeno livro “La mésologie: pourquoi et pour quoi faire?”, onde sintetiza as principais noções de sua proposta revisitando os caminhos percorridos até alcançá-la.

Especificamente investigando a constituição do TOM e como superá-lo, Berque (2014a) evoca a noção de trajeção para desvelar uma outra ontologia. A lógica do TOM é individualista e coloca a existência humana fora do mundo, separada do meio. O que Berque defende é que a existência humana está na relação de complementaridade entre esses termos, ela é individual e ao mesmo tempo social, é simbólica e ao mesmo tempo concreta, termos que se combinam historicamente num movimento trajetivo, um vai-e-vem constante que funda a própria existência, e aqui é evidente a influência da ontologia relacional de Watsuji (2011).

Dessa forma o processo de predicação de S enquanto que P é o cerne da instituição da realidade pela trajeção. Nem somente S, nem somente P, mas S enquanto que P, ou seja, S/P por I. Aqui temos S como o ambiente (*Umgebung*), que é o dado concreto, o sistema objetivo universal; e P é o sentido (a predicação) que se dá ao ambiente; no entanto, o ser vivo (o intérprete I) não se relaciona diretamente com o ambiente (S), mas com seu meio (*Umwelt*) que é S/P. Como traduzir essa fórmula para a compreensão da realidade dos meios humanos? Não é uma tarefa simples, ao menos não para mim e, por isso recorro às palavras de Berque (2014b, p. 60):

A trajeção, de fato, é análoga à predicação; mas enquanto a predicação é apenas uma operação lógica, limitada à linguagem verbal, a trajeção é um processo global, no qual há a apreensão de S pelos sentidos, pela ação, pelo pensamento e – somente em último lugar – pela fala. É claro que esses vários

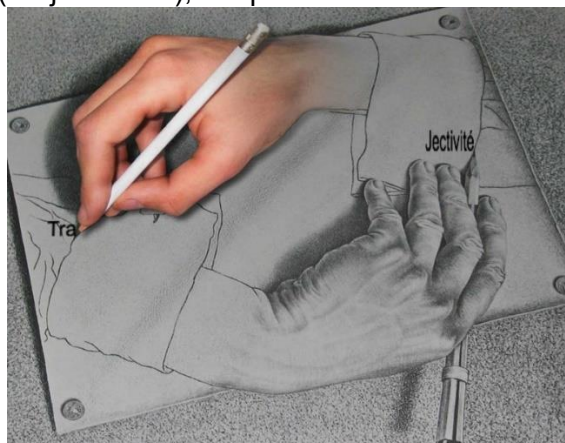
⁸ Tradução livre de: “*topos* ontologique moderne”.

⁹ Tradução livre de: “paradoxalement, à la fois leur empreinte et leur matrice”.

modos de apreensão ressoam uns nos outros; mas, na raiz disso tudo, há uma apreensão pelos sentidos e pela ação, que diz respeito a todo o mundo vivente, e não apenas aos meios humanos¹⁰.

A trajeção é, portanto, ao mesmo tempo um processo espaço-temporal, que se revela tanto na escala da evolução histórica, como de um meio em particular ou do ecúmeno em geral. E há também uma dimensão simbólica imediata. É na e da relação desses termos, que ocorre simultaneamente na existência, que nasce uma realidade S/P (BERQUE, 2014a). Surge dessa relação a noção de cadeia trajetiva (*chaîne trajective*), uma vez que a realidade se dá sempre em relação. Berque (2014a) afirma que é a partir da cadeia trajetiva que se compreende o princípio da poética da Terra. Esse princípio se funda na noção de que, no processo trajectivo, a predicação de um intérprete (I) nunca é diretamente sobre um objeto (S), mas sobre as coisas (S/P) que já é uma realidade impregnada da vida do intérprete. Ou seja, como um processo constante, a trajeção se traduz numa fórmula que expressa essa continuidade, e por ser histórico, o intérprete (I) já é sempre prenhe de significado. Berque (2014a) traduz essa relação na fórmula $((S/P)/P')/P''$ e assim por diante (Figura 1).

Figura 1: “Trajectivité” (Trajetividade), adaptado de “Mãos Desenhando” de Maurits Escher



Fonte: Moreau (2011).

A poética da Terra recusa o dualismo, uma vez que se funda numa ontologia relacional a partir de um duplo princípio: “[...] **a pregnância indefinidamente evolutiva de I na cadeia trajetiva $((S/P)/P')/P''$...** e exatamente por isso **a construção indefinidamente evolutiva da *subjectivité* de I**, no e pelo meio (S/P) que se dá a partir do ambiente (S), por ele

¹⁰ Tradução livre de: “La trajection, en effet, est analogue à une prédication ; mais alors que la prédication n’est qu’une opération logique, limitée au langage verbal, la trajection est un processus global, où il y a saisie de S par les sens, par l’action, par la pensée et – en dernier lieu seulement – par la parole. Bien entendu, ces divers modes de saisie résonnent les uns dans les autres ; mais, à la base, il y a bien, d’abord, saisie par les sens et par l’action, ce qui concerne tout le monde vivant, et pas seulement les milieux humains”.

apreendido enquanto que P¹¹ (BERQUE, 2014a, p. 181, destaques no original). Dessa maneira, se estabelece uma ternaridade S-I-P.

Berque (2021) se apropria também de uma outra lógica, uma outra forma de pensar que, ao invés de rejeitar o terceiro termo, como o faz o princípio aristotélico do terceiro excluído, o inclui. Muitas sociedades tradicionais, povos originários de diversas partes do planeta, estruturam sua forma de pensar incluindo esse terceiro termo, no entanto, é no budismo que Berque (2021) busca sua forma particular de pensar. Com base em Yamaushi (2020), propõe o que chama de *tetralemme*: 1. A; 2. não-A; 3. nem A nem não-A (binegação); 4. ao mesmo tempo A e não-A (biafirmação).

Diferente do princípio do terceiro excluído que se resume à negação de que A não é não-A, como abordado anteriormente, ao incluir a binegação e, principalmente, a biafirmação, abrem-se todas as possibilidades de existência e de compreensão da realidade, o que é justamente o que se passa nos meios (*milieux*) do ponto de vista da mesologia. Berque (2021) utiliza um exemplo para expressar como se dá o *tetralemme* na realidade concreta: uma mesma gramínea existe ao mesmo tempo como alimento (A), como obstáculo (não-A), como abrigo (nem A nem não-A), assim por diante. Ou seja, a gramínea ser um alimento para uma vaca (I), por exemplo, corresponde, em termos lógicos, a uma predicação: onde a gramínea (S) é sujeito ou do que se trata, e o predicado (P) é o que se diz sobre a gramínea (S) como um alimento. Mas se estamos refletindo nos termos de um meio não humano, no caso, de uma vaca (ou dos bovinos), "[...] essa operação ultrapassa o campo verbal da lógica. Ao mesmo tempo lógica e ontológica, ela é **onto/lógica**. É mais que uma predicação; é uma **trajeção** [...]"¹² (BERQUE, 2021, p. 24, grifo do autor).

Importante destacar que apesar de romper com o dualismo, essa ternaridade não rejeita a geometria, a biologia, a mecânica ou a ciência moderna como um todo, antes, aponta que essas negligenciam a ternaridade que supõe toda existência concreta, numa relação necessária S-I-P. Apesar de não rejeitar por completo a ciência moderna, Berque (2014b, p. 76-77, destaques no original) aponta as implicações de uma absolutização tanto do ambiente (S) pela ciência como do predicado (P) como o fez Nishida (2016) com base no budismo e taoísmo, e, por isso, aponta a mesologia como alternativa: "Se, para concluir, eu precisasse

¹¹ Tradução livre de: "**la prégnance indéfiniment évolutive de I dans la chaîne trajective (((S/P)/P')/P'')/P''' ...**, et par ce fait même **la construction indéfiniment évolutive de la subjectivité de I**, dans et par le milieu (S/P) qu'elle se donne à partir de l'environnement (S), saisi par elle en tant que P, de la vie la plus primitive jusqu'à la conscience la plus humaine".

¹² Tradução livre de: "cette opération dépasse le champ verbal de la logique. À la fois logique et ontologique, elle est **onto/logique**. C'est plus qu'une prédication ; c'est une **trajection** [...]",

expressar uma crença, é que no início da existência, em suma, já há **sempre S enquanto que P por I**. Essa é a **meso-lógica** da mesologia¹³.

Essa recusa a uma absolutização, seja do ambiente, seja do predicado, surge das inquietações de Berque (1978) desde sua tese sobre a colonização de Hokkaido. Partindo de uma perspectiva cultural na geografia, ao buscar compreender como os rizicultores daquela ilha adaptaram suas práticas de cultivo para uma área mais fria e como se deu a colonização japonesa daquela área surgiram as inquietações que o levaram a buscar outros caminhos. Investigando a relação dos rizicultores de Hokkaido com as encostas íngremes, o frio intenso do inverno e a massa de gelo que cobria as encostas, Berque (2014b, p. 29) conclui que “[...] as sociedades organizam seu meio como elas o percebem, e elas o percebem como elas o organizam”¹⁴. Aí estava o germe da mesologia berquiana, que o conduziu para a mediância e a trajeção como formas de compreender a relação contingente entre uma determinada sociedade e o ambiente (*Umgebung*) e que dá origem aos meios humanos.

A concepção de mesologia de Berque (2019b) se coloca então como um paradigma transmoderno que ultrapassa o paradigma moderno em seus próprios fundamentos, tanto ontológicos (o dualismo e seu correlato substancialismo) como lógicos (o princípio de identidade e seu correlato terceiro excluído). A mesologia surge então como um paradigma ecumenal, que se funda na própria habitabilidade da Terra, compreendida a partir da trajeção do ambiente enquanto que meios humanos, que constitui a mediância enquanto que momento estrutural da existência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos então, com essas poucas aproximações com a obra de Berque realizadas por pesquisadoras e pesquisadores no Brasil, um esboço das amplas possibilidades de diálogos com o pensamento desse autor. Nesse contexto, a noção de paisagem ganha importância no pensamento de Berque, uma vez que ela expressa a mediância de uma determinada sociedade. Ou seja, a paisagem é a expressão da relação de uma determinada sociedade com seu meio, uma expressão eco-tecno-simbólica dessa relação. Afinal, ao diluir a cisão entre sujeito e objeto, a realidade é compreendida tanto em seus aspectos físicos e materiais como simbólicos e técnicos. Ao investigar e compreender a paisagem a partir de um paradigma ecumenal, a partir da mesologia, revela-se a própria relação da humanidade com a Terra.

¹³ Tradução livre de: "Si, pour conclure, il me fallait exprimer à mon tour un credo, c'est qu'au commencement de l'existence, en somme, il y a **toujours déjà S en tant que P pour I**. Telle est la **méso-logique** de la mésologie

¹⁴ Tradução livre de: "les sociétés aménagent leur milieu comme elles le perçoivent, et elles le perçoivent comme elles l'aménagent".

Além da paisagem e do pensamento oriental, há uma diversidade de temas abordados por Berque que teriam muitas aberturas e entradas na agenda de temáticas e abordagens na geografia brasileira, desde a questão ambiental, urbanização difusa, arte e cultura japonesa e chinesa até questões cosmológicas, lógicas, epistemológicas e ontológicas que fundamentam a proposta de Berque de uma outra ontologia para a geografia. Essa perspectiva abre um novo caminho para compor com as abordagens fenomenológicas na Geografia Humanista brasileira.

Ao apresentar algumas das bases que sustentam a proposta de Berque para uma outra ontologia da geografia, abrem-se algumas possibilidades que podem ser aprofundadas em momento oportuno. Ao se reconhecer que é a partir de uma relação ternária entre sujeito, predicado e intérprete que se constitui a realidade das coisas e que tanto humanos como não-humanos se relacionam com seus próprios meios (*Umwelt*) ampliam-se as formas para a compreensão de realidades distintas e diferentes maneiras de pensar, agir, existir...

Dentre os humanos há diferentes grupos que historicamente, e trajetivamente, constituíram diferentes meios a partir de suas relações específicas com o ambiente de seu entorno, promovendo diferentes formas de pensar, agir e existir. Reconhecer isso, reconhecer essa diversidade de mundos, é fundamental para pensarmos o futuro da relação da humanidade com o mundo, com a Terra.

Essa compreensão de que diferentes povos constituem diferentes meios (*Umwelt*), incluindo os meios dos não-humanos, pode contribuir para que encontremos diferentes soluções para as crises atuais, notadamente a crise ambiental. Observar e compreender essas relações constituídas a partir de longas cadeias trajetivas, a exemplo de povos originários, pode apontar para caminhos que permanecem ocultos. Há, portanto, grande potencialidade de diálogos entre o pensamento e a obra de Augustin Berque e a geografia brasileira, com alguns direcionamentos sendo apresentados nesse texto, mas não se limitando a estes.

REFERÊNCIAS

BERQUE, Augustin. A chôra em Platão. *In*: SERRÃO, Adriana Veríssimo (org.). **Filosofia e arquitetura da paisagem**: um manual. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012c. p. 29-37.

BERQUE, Augustin. A cosmofoania das realidades geográficas. **Geograficidade**, [Rio de Janeiro.], v. 7, n. 2, p. 4-16, 2017a.

BERQUE, Augustin. A ecúmena: medida terrestre do Homem, medida humana da Terra. *In*: SERRÃO, Adriana Veríssimo. **Filosofia da paisagem**. Uma antologia. Lisboa: Vniversitas, 2011b. p. 187-199.

BERQUE, Augustin. Das águas da montanha à paisagem. *In*: SERRÃO, Adriana Veríssimo (org.). **Filosofia e arquitetura da paisagem**: um manual. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012b. p. 95-103.

- BERQUE, Augustin. **Écoumène**: introduction à l'étude des milieux humanis. Paris: Éditions Belin, 2009.
- BERQUE, Augustin. Geogramas, por uma ontologia dos fatos geográficos. **Geograficidade**, v. 2, n. 1, p. 4-12, 2012a.
- BERQUE, Augustin. **Histoire de l'habitat idéal**: de l'Orient vers l'Occident. Paris: Le Félin, 2016.
- BERQUE, Augustin. **La mésologie**: pourquoi et pour quoi faire?. Paris: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2014b.
- BERQUE, Augustin. Landscape and the unsustainable urban realm. *In*: SERRÃO, Adriana Veríssimo; REKER, Moirika (org.). **Philosophy of landscape**: think, walk, act. Lisboa: Centre for Philosophy at the University of Lisbon, 2019a. p. 93-110.
- BERQUE, Augustin. **Les Grandes terres de Hokkaidô, étude de géographie culturelle**. 1977. Tese (doctorat ès Lettres) – L'Université de Paris IV-Sorbonne, Paris, 1978.
- BERQUE, Augustin. **Médiance**: de milieux en paysages. Paris: Éditions Belin, 2000.
- BERQUE, Augustin. **Mésologie urbaine**. Paris: Terre Urbaine, 2021.
- BERQUE, Augustin. O pensamento paisageiro: uma aproximação mesológica. *In*: SERRÃO, Adriana Veríssimo. **Filosofia da paisagem**. Uma antologia. Lisboa: Vniversitas, 2011a. p. 200-212.
- BERQUE, Augustin. **Onto/logique du paysage et dépassement de la modernité**. Tours : Université de Tours, 2019b. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1LlvEaRAuys6RHZAjI9ATM2mn9bkdg-xg/view>. Acesso em: 31 ago. 2021.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-91.
- BERQUE, Augustin. Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour une géographie. **Espace Géographique**, Paris, v. 13, n. 1, p. 33-34, 1984.
- BERQUE, Augustin. **Poétique de la terre**: histoire naturelle et histoire humaine, essai de mesologie. Paris: Belin, 2014a.
- BERQUE, Augustin. **Recosmiser la terre**: quelques leçons péruviennes. Rennes: Éditions B2, 2018.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DAL GALLO, Priscila Marchiori. A geografia humanista no Japão. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 40, n. 2, p. 177-192, 2015.
- DAL GALLO, Priscila Marchiori. A influência do pensamento oriental na geografia de Augustin Berque: a filosofia de Watsuji Tetsurô. **Geograficidade**, [Rio de Janeiro], v. 4, n. 2, p. 32-47, 2014.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- HOLZER, Werther. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n. 17-18, p. 55-63, 2004.
- HOLZER, Werther. A trajetão: reflexões teóricas sobre a paisagem vernacular. *In*: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço e cultura**: pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 155-172.

HOLZER, Werther. **A Geografia humanista**: sua trajetória 1950-1990. Londrina: Eduel, 2016.

MARANDOLA, Hugo Leonardo. **Marcas-matrizes na paisagem do bairro rural Elihu Root**: um trilhar humanista. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2017.

MARANDOLA, Hugo Leonardo; OLIVEIRA, Livia de. Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem. **Geograficidade**, [Rio de Janeiro], v. 8, n. 2, p. 139-148, 2018.

MARIA, Yanci Ladeira. **Paisagem**: cultura-natureza em perspectiva. Uma abordagem trajetiva do conceito de paisagem. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MARIA, Yanci Ladeira. **Paisagem**: entre o sensível e o factual: uma abordagem a partir da geografia cultural. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MOREAU, Yoann. “Trajectivité”. **Mésologiques**, 14 maio, 2011. Disponível em: http://ecoumene.blogspot.com/2011/05/logos-et-lemme-du-point-de-vue_14.html#more. Acesso em: 19 jun. 2023.

NISHIDA, Kitaro. **Ensaio sobre o bem**. Campinas: Phi, 2016.

UEXKÜLL, Jakob von. **Mondes animaux et monde humain**: suivi de théorie de la signification. Paris: Éditions Denoël, 1965.

YAMAUCHI Tokuryû. **Logos et lemme**. Paris: CNRS Éditions, 2020.

WATSUJI, Tetsurô. **Fûdo**: le milieu humain. Commentaire et traduction par Augustin Berque; avec le concours de Pauline Couteau et Kuroda Akinobu. Paris: CNRS Éditions, 2011.

Recebido: março de 2023.

Aceito: julho de 2023.